

TRADUÇÃO DO CONTO O LIMÃO, "REMON" (1925), DE KAJII MOTOJIRÔ

*Junko Ota **

Kajii Motojirô nasceu em Osaka em 1901. Ingressou em 1919 no Colégio Sankô, na área de Ciências Exatas, de Kyôto, mas se interessou mais pela literatura e música do que por seus estudos. Em 1924, ingressou no Departamento de Letras – Inglês, na Universidade de Tóquio, mas abandonou a carreira após dois anos devido à doença. Após um ano e meio de tratamento em termas de Yugashima, Kajii retorna a Osaka e lá vive com sua mãe até a tuberculose pulmonar vem a ceifar sua vida em 1932.

Devido a sua morte prematura e talvez pelos momentos de sua época, marcada, de um lado, pelos movimentos da literatura do proleta riado e crescente militarismo e controle do governo de outro, os trabalhos de Kajii não tiveram devido reconhecimento durante sua vida. Somente após a II Guerra Mundial, e especialmente nos fins dos anos 50 é que o conjunto das escritas de Kajii, mesmo em quantidade não numerosa, passa a ser considerado um importante marco na literatura japonesa do período entre antes e após a II Guerra, como também um desdobramento de uma das correntes da literatura moderna do Japão.

Dentre suas obras escritas num curto período de dez anos de atividade literária, o conto *Remon*, "O limão", o primeiro e possivelmente o mais conhecido, foi publicado na revista literária *Aozora* "Céu Azul", fundada por Kajii e seu amigos em 1925. Utilizando-se de abundantes expressões que denotam sensação, a obra descreve o enfado do seu jovem personagem e a transformação que a compra de um limão lhe proporciona. Assim como o conto *Remon*, as obras de Kajii são peças breves em prosa com caracterís-

* A autora é Prof.^a Dr.^a do Departamento de Letras Orientais da FFLCH/USP.

ticas poéticas, que demonstram a sensibilidade aguçada do autor e a apreensão da força vital nos elementos da natureza.

O limão

KAJII MOTOJIRÔ

Um bloco indefinido de mau agouro me oprimia o tempo todo. Chamaria isto de irritação ou repugnância? Assim como vem a ressaca após beber muito, após beber todos os dias segue-se um período correspondente à ressaca. Eis o que chegou. E não foi nada bom. Não me refiro ao catarro do vértice pulmonar nem ao esgotamento nervoso resultante disso. Nem me refiro às dívidas sufocantes que me parecem queimar as costas. Refiro-me, sim, a esse bloco de mau agouro. Passei a não suportar nada que me deleitava antes: nenhuma música, por mais bela que fosse; nenhum poema, por mais belo que fosse. Mesmo saindo especialmente só para ouvir a vitrola, vinha-me a vontade de me levantar bruscamente depois de dois ou três primeiros compassos. Alguma coisa me deixava ansioso. Por isso, eu continuava vagando sem parar, por toda a cidade.

Lembro-me de que, na época, eu me sentia, sem razão, fascinado por objetos insignificantes e belos. Entre as partes da cidade, gostava dos lugares quase em ruínas, e, dentre eles, preferia, às avenidas principais com seu ar indiferente, as ruelas nas quais estendiam-se roupas encardidas, espalhavam-se trastes no chão e viam-se quartos sujos. Bairros com ares de ruína, consumidos por chuva e vento e que logo voltarão a ser terra, com muros de barro desmoronando e casas com eixos tortos – nos quais apenas a vegetação mostrava seu viço, como algumas assustadoras flores de girassol ou flores de bananeirinhas que desabrochavam.

Andando por estas ruas, às vezes eu tentava me iludir de que ali não era Kyoto, mas sim Sendai ou Nagasaki, distantes a centenas de milhas – e que eu me encontrava numa dessas cidades. Eu queria, se possível, fugir de Kyoto e ir para uma cidade que ninguém conhecesse. Em primeiro lugar, o repouso. Um quarto numa hospedaria vazia. Um acolchoado limpo. Um

mosqueteiro perfumado e um *yukata* bem engomado. Queria ficar ali deitado, sem pensar em nada, pelo menos por um mês. Se, porventura, se aqui fosse esse lugar... quando, por fim, a ilusão começou a tomar forma, comecei a pintar camadas usando tinta de imaginação. Mas era simplesmente a minha ilusão que se sobrepunha à cidade quase em ruínas. E, aí dentro, eu me entretinha em perder de vista o meu eu real.

Passei, ainda, a gostar de fogos de artifício. Os fogos em si ficavam em segundo plano – conjuntos de fogos de artifício com listras variadas, pigmentos baratos de tons vermelhos, roxos, amarelos, azuis..., fogos de estrelas cadentes do templo Nakayama, de flores em batalhas e de eulálias secas. E os busca-pés, cada um em forma de espiral, colocados dentro da caixa... Estas coisas me excitavam estranhamente.

Também passei a gostar de disquinhos de vidros coloridos com figuras de peixes ou flores estampadas em relevo, e também de bolinhas-de-gude. E, para mim, lambê-los era um prazer indizível. Haveria algum outro sabor tão sutil e refrescante como o do vidro? Quando pequeno, punha as bolinhas freqüentemente na boca, e meus pais me repreendiam. Talvez porque essa doce lembrança da infância aflore em mim, agora que já sou adulto e decadente, seu sabor traz mesmo um gosto de agradável frescor, semelhante à beleza da poesia.

Como vocês devem ter percebido, eu não tinha dinheiro. Porém, quando eu via coisas assim e meu coração se animava, ainda que pouco, precisava me dar algum luxo como consolo. Artigos de dois ou três *sens* – mas que fossem de luxo. Artigos belos – mas que seduzissem o meu tato já apático – coisas como essas consolavam-me naturalmente.

Entre os lugares que eu gostava, antes de ter a minha vida carcomida, por exemplo, estava a loja de departamentos Maruzen. Águas-de-colônia e águas-de-quinina vermelhas e amarelas. Objetos finamente lapidados e vidrinhos de perfume cor-de-âmbar e cor-de-jade com elegantes relevos rococó. Piteiras, canivetes, sabonetes, cigarros. Havia vezes em que eu levava quase uma hora para ver tais objetos. Por fim, eu até me permitia o luxo de comprar um lápis da melhor qualidade. Mas para mim, aquele lugar era também apenas mais um lugar opressivo. Livros, estudantes, balcão de paga-

mento, tudo para mim parecia ser fantasmas dos cobradores das minhas dívidas.

Uma manhã – nessa época eu vivia mudando de pensão de colega fulano para pensão de colega beltrano – após meus colegas terem saído para a escola, eu me vi só, num espaço vazio. Tive novamente de sair de lá a perambular. Algo me perseguia. E, andando de bairro em bairro, pelas ruas que mencionei anteriormente, parava em frente à doceria, olhava na mercearia camarões secos, filés de bacalhau seco, nata seca de leite de soja; descii a rua Teramachi em direção à avenida Nijô, e, por fim, parei numa frutaria. Gostaria de descrever brevemente essa frutaria, que era a que eu mais gostava dentre as que conhecia. Não era uma loja vistosa, mas sentia-se muito claramente sua beleza própria. As frutas estavam colocadas sobre uma base bastante inclinada, que me parecia ser de tábuas envelhecidas laqueadas de preto. As frutas estavam dispostas como se correntes melódicas em *allegro* de uma música bonita e esfuziante tivessem se solidificado naquelas cores e naquelas formas depois de terem presenciado algo parecido com a máscara da Górgona, que, dizem, petrificava as pessoas que a viam. Os legumes, quanto mais se encontravam no fundo, mais empilhados estavam. As folhas de cenoura de lá eram verdadeiramente magníficas. E também os grãos e os tubérculos de espadana em molho.

Ademais, era de noite que a loja era bonita. A rua Teramachi era, como um todo, movimentada – embora se tenha a impressão de que fosse limpa, se comparada às ruas de Tóquio e Osaka – as luzes da janela decorada afluíam abundantes para a rua. Porém, as proximidades daquela loja eram misteriosamente escuras. Era natural que um lado fosse escuro, uma vez que era esquina com a avenida Nijô, originariamente escura, mas não se explicava a causa da escuridão da loja vizinha, que também dava para a rua Teramachi. Contudo, acredito que, se a loja não fosse escura, não teria me seduzido tanto assim. Outra coisa era o toldo da loja que avançava pela rua, que era como uma aba de chapéu puxada sobre os olhos – mais do que uma qualidade, isso fazia as pessoas pensarem: “Ué, aquela loja tem um toldo parecido com a aba de um chapéu bem abaixada”. A parte superior do toldo era completamente escura. Devido à escuridão ao redor, o deslumbramento provocado pelas inúmeras lâmpadas, banhando de luzes como chuva forte,

não podia ser arrebatado por ninguém do redor: era uma vista bonita que se revelava por si. Nada me entretinha em Teramachi como a vista dessa frutaria, quando a contemplava, parado na rua, sentindo as lâmpadas descobertas espetarem meus olhos como se as varas compridas neles penetrassem em movimentos espiralados, ou quando a via através da janela de vidro do primeiro andar da doceria vizinha, de nome Kagiya.

Nesse dia eu fiz uma compra na frutaria, o que não era costume. É que nessa loja havia, excepcionalmente, limões. Limão é uma fruta bastante comum. Mas, mesmo não sendo pobre, essa era uma loja simples de frutas e verduras, onde dificilmente se encontravam limões. É que sempre gostei de limão. Gosto daquela cor pura, como se a bisnaga de tinta *lemon yellow* tivesse sido espremida e endurecida, e também sua forma de fuso curto. – Finalmente, decidi-me a comprar um limão só. Depois, por onde e como será que eu andei? Andei pela cidade por muito tempo. O bloco de mau agouro que me oprimia constantemente o coração começou a aliviar um pouco sua pressão, a partir do momento em que peguei a fruta na mão, e eu estava muito feliz andando pela cidade. Uma depressão tão persistente ser afastada por uma fruta dessas – isso era estranho, e, entretanto, uma verdade, que a contradizia. É verdade, mas o tal do coração é mesmo um bicho tão misterioso!

A sensação gélida do limão era incomparavelmente boa. Na época eu sempre estava com o corpo febril, devido aos problemas no pulmão. De fato, eu dava a mão para os meus amigos para exibir a minha febre, e a minha mão era sempre a mais quente de todas. Talvez por ser quente, a sensação gélida que parecia penetrar da palma da mão para o interior do corpo era agradável.

Levava o fruto inúmeras vezes ao nariz, para cheirá-lo. Califórnia, a tal terra de origem da fruta, vinha à imaginação. A expressão *hanawo utsu* “atingir o olfato”, citada em “Da Fala do Vendedor de Tangerinas”, que havia lido na aula de textos chineses, vinha à tona, fragmentada. E, inspiando a plenos pulmões o ar perfumado, meu corpo e meu rosto, que nunca haviam respirado fundo até então, sentiram a correnteza do sangue quente subir, despertando o ânimo no meu interior...

De fato, parece-me estranho que aqueles sentidos simples de frio, tato, olfato e visão tenham me caído tão bem, a tal ponto que quis dizer que aquilo sim, era o que eu procurava há muito tempo – e isso foi naquela época!

Eu já andava pelas ruas palpitando de leve excitação, sentindo até um certo orgulho, lembrava do poeta que galgava as ruas vestido de trajes estéticos. Colocava o fruto sobre a toalhinha suja ou a punha sobre a capa para avaliar o reflexo das cores, ou então pensava:

– “Afinal, o peso era este mesmo”.

Era este peso que eu sempre buscava, era este peso sim, sem dúvida, o resultado de todas as coisas belas e boas convertidas em volume, pensei nessa bobagem, com um espírito lúdico e presunçoso – enfim, por que estava eu tão feliz?

Não sei por onde andei; quando parei, finalmente, eu estava em frente à Maruzen. A loja, que eu sempre evitava tanto, parecia neste momento convidativa.

– “Hoje vou entrar” – disse, e eu fui entrando sem hesitação.

Mas o que será que aconteceu? A sensação de felicidade que havia me impregnado foi-se esvaindo gradativamente. O meu coração não foi atraído pelos vidrinhos de perfume, nem pelas piteiras. A depressão vinha se alastrando, e eu pensei que o cansaço das andanças estava chegando. Fui parar em frente à estante de livros de pinturas. Senti que precisava de mais força do que o normal para puxar o pesado volume. Eu retirava um e folheava, abria outro e folheava, porém não me vinha a disposição de folhear atentamente página por página. Ademais, amaldiçoadamente, eu puxava outro, e era a mesma coisa. No entanto, não me tranquilizava enquanto não folheasse o livro pelo menos uma vez. Não suportava ir além, e o punha de lado. Não podia nem recolocar o livro no lugar de antes. Repeti isso inúmeras vezes. Por fim, acabei pondo de lado mesmo o livro pesado e de capa alaranjada de Ingres, de quem sempre gostara muito – que maldição! Restava-me o cansaço nos músculos das mãos. Deprimido, eu contemplava os livros empilhados que havia retirado da estante.

Que havia acontecido com os livros que tanto me atraíam antes? Antes, eu saboreava com gosto a sensação meio desconcertante de, após sorver

página por página os livros de pintura, olhar ao redor e ver que tudo permanecia por demais normal.

– “Ah, sim”. Nesse momento, lembrei-me do limão dentro da minha manga. E se eu empilhasse desordenadamente as cores dos livros e tentasse com esse limão? – “Sim!”

A leve excitação de antes voltou. Eu os empilhava aleatoriamente, e destruí a pilha apressadamente, para construir outra pilha às pressas. Ora retirava uns, ora acrescentava outros. Um castelo estranho e fantástico ficava, à sua vez, ora vermelho, ora azul.

E, finalmente, o trabalho terminou. Segurando o coração que palpitava levemente, dispus timidamente o limão no topo do castelo. E ficou perfeito.

Olhando o conjunto, o colorido do limão tinha absorvido, no seu corpo fusiforme, a harmonia dissonante das cores, e se destacava com a sua pureza. Pareceu-me que o ar empoeirado do interior da Maruzen havia ficado estranhamente tenso apenas ao redor do limão. Eu o contemplei por um momento.

De súbito, uma segunda idéia me ocorreu. E esse estranho plano até me surpreendeu.

– “Vou deixar assim e sairei da loja, como se nada tivesse feito”.

Veio-me uma certa sensação de vergonha. “Será que eu saio? Sim, eu vou sair”. E saí rapidamente.

A sensação de vergonha me fez sorrir no meio da rua. Se eu fosse o estranho bandido que havia instalado a terrível bomba brilhando em cores douradas na estante de Maruzen, e se dentro de dez minutos a loja explodisse ao redor da estante de artes, seria tão divertido.

Eu persegui com entusiasmo esta imaginação. “Se for assim, aquela loja Maruzen sem graça iria toda para o ar”.

E fui descendo pela rua Kyôgoku onde cartazes de filmes coloriam a cidade com um gosto estranho.